
MOVIMENTOS AMBIENTAIS E ATUAÇÃO COMUNICACIONAL***Glauco Rodrigues Cortez****

Resumo: O artigo analisa o deslocamento do conflito entre capital e trabalho para um espaço impreciso criado pelos novos movimentos sociais. Centrando a discussão no movimento ambientalista, procura mostrar a importância da comunicação nesses conflitos.

Palavras-chave: ambientalismo, comunicação, modernidade, sindicalismo, ONG, fragmentação, conflito, sujeito

Abstract: This paper discusses the conflict between capital and labour in an indefinite space created by the new social movements. By concentrating in the environmental movement, it tries to show the importance of communication in such conflicts.

Key words: environment movement, communication, modernity, unionism, NGO, fragmentation, conflict, subject.

A degradação ambiental do Brasil (e também do Planeta) se apresenta, dentro do projeto econômico em curso, como algo irreversível. A destruição perpassa cidade e campo, elevando índices de poluição automotiva, contaminando lençóis de água, produzindo alimentos modificados geneticamente, usando indiscriminadamente agrotóxicos (inclusive produtos proibidos pelo governo), decontrolando o processo de expansão agro-industrial e de pecuária, desmatando, queimando, pescando e caçando predatoriamente, etc. Por mais que os movimentos ambientais atuem, de forma incisiva, em questões pontuais ou não, eles ainda não conseguiram fazer com que a sociedade brasileira assumisse tais questões como prioridade. Nesse sentido, a pesquisa pode dar um entendimento maior sobre a atuação desses movimentos, que se apresentam como as possíveis forças de combate à destruição do meio ambiente e à deterioração da qualidade de vida.

A luta da população por melhores condições de vida no mundo tem sofrido grandes transformações desde a década de 60. Partidos políticos tradicionais e sindicatos ainda representam a via privilegiada da discussão política; no entanto, novas formas de atuação como ONGs (Organizações Não-Governamentais), institutos, associações, comunidades de bairro e movimentos dos sem-terra constituem um novo campo de conflito e de diálogo com o governo e com a sociedade. Para Touraine (1994), Habermas (1981) e Offe (1985), essas transformações surgem com a revisão do projeto de modernidade.

Touraine diz que continuamos a chamar de modernidade o que é a destruição de uma parte essencial dela mesma. Para ele, “não existe modernidade a não ser pela interação crescente entre o sujeito e a razão, entre a consciência e a ciência, por isso quiseram nos impor a idéia de que era preciso renunciar à idéia de sujeito para que a ciência triunfasse, que era preciso sufocar o sentimento e a imaginação para libertar a razão” (Touraine, 1994; 219)

Referindo-se à herança de Nietzsche e de Freud, Touraine alerta para a necessidade de se afirmar o apelo ao indivíduo e ao seu desejo, assim como o apelo à nação e à cultura. O autor restabelece o sujeito frente à modernidade para poder compreender a atuação do que se denomina novos movimentos sociais. Esse entendimento implica em um diálogo com o pensamento marxista, revisando os conceitos de infra-estrutura/superestrutura e classes sociais. Tanto para Touraine como para Habermas, o conflito se deslocou na sociedade contemporânea da esfera da produção de bens materiais para a de bens simbólicos. “*The new conflicts no longer arise in areas of material reproduction; they are no longer channeled through parties and organizations.(...) Rather, the new conflicts arise in areas of cultural reproduction, social integrations, and socializations.*” (Habermas, 1981; 33) Ele sintetiza essas idéias dizendo que “*the new conflicts are not sparked by problems of distribution, but concern the grammar of forms of life*” (Habermas, 1981; 33).

Para Touraine, a melhor definição para a sociedade atual seria *sociedade programada*, em substituição ao que se convencionou chamar de pós-industrial ou mesmo pós-moderna. A sociedade programada é aquela em que a produção e a difusão dos bens culturais ocupam o lugar central que antes pertencia aos bens materiais na sociedade industrial. “O que foram a metalurgia, a indústria têxtil, a química, assim como as indústrias elétricas e eletrônicas na sociedade industrial, são a produção e difusão dos conhecimentos, dos cuidados médicos e das informações, portanto a educação, a saúde e os meios de comunicação na sociedade programada”, (Touraine, 1994; 259). Essa mudança de direção, como diz Touraine, está em ruptura com a idéia marxista de luta de classes. Para ele, um “movimento social é ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural” (Touraine, 1994; 254).

Da mesma forma, Offe procura mostrar que o modelo do conflito político e social está em oposição, em vários sentidos, ao de conflito de classe.

First, the conflict of elements coming from different classes and 'nonclasses'. Second, it is not a conflict

* Data de recebimento para publicação: 19/03/1999.

** Jornalista, mestre em Ciência da Comunicação pela ECA/USP e professor da Universidade São Judas.

between the principal economic agents of the model of production but an alliance that includes virtually every element but these principal classes. Third, the demands are not class-specific but rather strongly universalistic or, the contrary, highly particularistic, and thus in any case either more or less inclusive or 'categorical' than class issues" (Offe, 1985; 835)

Isso permite entender, sob certo aspecto, o enfraquecimento genérico da atuação sindical, atualmente, no Brasil. Os sindicatos parecem se distanciar da sociedade e não sabem o porquê. Estão submersos em brigas de poder interno e discussão de estratégias infinitas de barganha com seus patrões, mas não apresentam resultados concretos diante da força patronal, do trator neoliberal do governo, da automação e do desemprego. Eles traçam suas lutas políticas de modo não muito diferente daquele utilizado pelo o sindicalismo do século XIX, em um mundo sem iluminação elétrica, em que o panfleto era a alta tecnologia em comunicação de massa e a indústria era uma atividade central sobre a reduzida vida urbana. Nesse universo cultural não havia a indústria dos discos, das fitas, dos aparelhos de som, da televisão, das auto-estradas, do rádio, dos noticiários eletrônicos, das telenovelas, quicá dos produtos e dos serviços mais recentes como computador e *Internet*.

Nas sociedades de massa as atividades produtivas se fragmentam, o setor industrial perde terreno para o de serviço, transporte e comunicação; surge uma classe numerosa de pequenos proprietários industriais e de serviços que são, ao mesmo tempo patrões e empregados; uma realidade em que funcionários possuem, em grandes empresas, uma renda superior aos pequenos empresários; o mercado informal se expande de forma avassaladora pelos centros urbanos, criando os *patrões-informais* com razoável renda mensal, isto é, superior à de muitos assalariados, sem contar que as altas taxas de desemprego recentes estão criando duas novas categorias: os incluídos (patrões e empregados) e os excluídos (massa de desempregados, sem-terra, miseráveis urbanos, etc).

Essa nova realidade não se resume, como há 200 anos, aos donos dos modos de produção e da força de trabalho; a greve de uma determinada categoria não representa mais a luta dos trabalhadores, mas uma reivindicação isolada, corporativa e que, se atrapalha a vida dos outros habitantes urbanos, já sufocados pela péssima qualidade de vida provocada pela poluição e pelo transporte caótico, é vista como provocativa, uma espécie de conflito contra o restante da sociedade que não os entende ou que foi *programada* para não os entender.

Permitindo-se fazer de uma forma apressada um paralelo com a alienação do trabalho elaborada por Marx (já que isso exigiria um trabalho bem mais rigoroso e intenso), pode-se afirmar que a alienação não está mais centrada no trabalhador, mas no movimento sindical porque é incapaz de organizar a luta política através da consciência do trabalho em uma sociedade de massas.

Se Marx dizia que no estado econômico-político a realização efetiva do trabalho aparece como *desejetivação do trabalhador*, a objetivação, como *perda (servidão do*

objeto) e a apropriação, como *alienação (como exteriorização)* (Marx, 1984; 149), algo paralelo pode ser afirmado sobre sindicalismo em relação à sociedade contemporânea. O sindicato relaciona-se à sociedade como algo alheio a ele, simplesmente porque o projeto social em que trabalha é um projeto inserido em uma esfera de conflito que foi, nas sociedades de massa, deslocada da sua origem no século XIX. Essa *exteriorização* da sociedade impede o sindicalismo de refletir e de atuar sobre a produção simbólica, cultural e de comunicação de massa. Ao mesmo tempo em que consideram a imprensa, por exemplo, como algo burguês, eles mendigam espaços nos jornais quando surgem os conflitos com os patrões. Ou seja, eles se relacionam com a sociedade via empresa capitalista. De um lado, a elite política e empresarial procura negar ao máximo o acesso e controle dos meios de comunicação e, de outro, os sindicatos relegam a segundo plano a questão comunicacional. Alguns sindicatos, no entanto, percebem essas mudanças, mas atuam de forma *político partidária* em benefício de seus diretores, utilizando a comunicação apenas como *marketing* personalista.

Diante da complexidade que o trabalho assumiu na sociedade de massas, os sindicatos se situam em um beco sem saída, provocado pela dicotomia capital/trabalho, que induz a uma alienação das atuações políticas.

Não é objetivo deste trabalho fazer uma análise sindical, o que necessitaria de um esforço muito maior. Mas essa pequena abordagem serve para diferenciá-lo da situação em que se encontram os novos movimentos sociais, principalmente os ambientalistas, que são o objeto deste estudo. Livres dessa armadilha provocada pelas sociedades de massa associadas aos conflitos capital/trabalho, as organizações não-governamentais possuem um potencial de atuação social mais preparado frente à realidade.

"Enquanto os antigos movimentos sociais, sobretudo o sindicalismo operário, se deterioram, seja em grupos de pressão política, seja em agências de defesa corporativa de setores da nova classe média assalariada, de preferência a categorias mais desfavorecidas, esses novos movimentos sociais, mesmo quando lhes falta uma organização e uma capacidade de ação permanente, já deixaram transparecer uma nova geração de problemas e de conflitos ao mesmo tempo sociais e culturais. Não se trata mais de lutar pela direção de meios de produção, e sim sobre as finalidades dessas produções culturais que são a educação, os cuidados médicos e a informação de massa" (Touraine, 1994; 260)

Tanto para Offe, como para Habermas e Touraine, os novos movimentos sociais são mais reivindicatórios que emancipatórios. Touraine afirma que as novas contestações não visam a criar um novo tipo de sociedade, menos ainda libertar as forças de progresso e de futuro, mas procuram *mudar a vida*, "defender os direitos do homem, assim

como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais.” (Touraine, 1993; 262)

Offe fez um estudo bem delimitado para tentar compreender *quem são* esses novos movimentos sociais.

“Concerning the actors of the new social movements, the most striking aspect is that they do not rely for their self-identification on either the established political codes (left/right, liberal/conservative, etc.) nor on the partly corresponding socioeconomic codes (such as working class/middle class, poor/wealthy, rural/urban population, etc.). The universe of political conflict is rather coded in categories taken from the movements issues, such as gender, age, locality, etc” (Offe, 1985; 831)

Para Offe, essas mudanças caracterizam um novo paradigma porque implicam em mudança de atores, questões, valores e modos de ação.

Matthias Finger radicaliza em relação a esses autores, mostrando a dificuldade de se entender esses novos movimentos sociais em uma sociedade pós-moderna. Para ele, Tanto Habermas, como Offe e Touraine (antes da Crítica da Modernidade) perdem o ponto da análise quando observam os movimentos sociais através de uma óptica de inspiração marxista.

All the Theories discussed (Habermas, Touraine e Offe) assume that the national political system, the nation-state, is the key actor, a neutral instrument that helps society manage the process of industrial development as well as its consequences. Social movements, then, are conceptualized relative to the neutral instrument. They strive to conquer it (Touraine), or to help it evolve, learn, and extend its influence into not-yet politicized civil society (Offe), or to restore its autonomy as a mediator between labour and interaction, that is, between the infrastructure and superstructure (Habermas). (Finger, 1994 55)

Segundo Finger, o projeto da modernidade não pode ser enriquecido, como pensam Touraine e Habermas, muito menos estar presente em ONGs, como acredita Offe. Finger anota que o projeto da modernidade foi erodido porque não cumpriu suas expectativas e, por isso, não serve mais como referência. Como resultado, a sociedade hoje enfrenta uma grande fragmentação de atores e de visões de mundo. Não só cresceu o número de atores sociais, mas também se perdeu o ponto de referência comum.

“Indeed, any social actor’s reference point now seems to be legitimate, a phenomenon that was accelerated by globalization. The overall picture now reflects incoherence and absence of direction; it is not clear where continuation of this process of post-

modernization leads to, nor which actors are the most legitimate to define its orientation” (Finger, 1994; 61)

Para ele, a crise ecológica poderia dar nova coerência ao projeto de modernidade, mas o que ocupa lugar hoje na sociedade são esses novos atores sociais com soluções igualmente dispersas, fragmentadas e incoerentes.

“Key characteristics of post-modern politics are the erosion of the nation-state as the most legitimate unit of action and the subsequent emergence of other equally legitimate levels of political action, local, regional, and global. The multiplication of political action units, such as grass-roots organizations, public interest groups, ou NGOs, is paralleled by the decline of tradicional political parties. (Finger, 1994; 61)

O caminho sugerido por Finger passa mais pela atuação em vilas, comunidades e cidades do que pelo Estado. As ONGs devem estar livres da política tradicional, mudando seu ponto de referência e privilegiando os meios de ação.

“They contribute to societal change and transformation in yet another way: they become agents of social learning and therefore significant contributors to learning our way out. (...) environmental NGOs build communities, set examples, and increasingly substitute for traditional political action. They become agents of social learning” (Finger, 1994; 64/65).

Frente às mudanças apontadas pelos autores, qual a capacidade política de atuação, na sociedade, desses novos movimentos? Qual a capacidade de mobilização? Qual a capacidade de transformação social?

A diferenciação da luta sindical, por exemplo, nos permite entender, em princípio, que os novos movimentos sociais têm maior capacidade de atuação diante da produção cultural e da comunicação de massa, permitindo não só cumprir os objetivos específicos do movimento, mas obtendo respaldo na sociedade em que estão inseridos, principalmente a questão ambiental que, se a princípio pode beneficiar determinada categoria, por exemplo os pescadores de uma determinada região, indiretamente sempre beneficia o restante (ou grande parte) da sociedade, já que se opõe à degradação do meio ambiente ou à extinção dos recursos naturais.

Essa maior capacidade de atuação também ocorre porque esses movimentos estão desvinculados (isto é, não se originam) do conflito de classe e da questão infra-superestrutura herdadas da tradição marxista. Os novos movimentos, além dessa liberdade, já nascem, ou pelo menos se fortalecem, no seio de uma sociedade comunicacional, de massas populacionais e de complexidade de trabalho. Um estudo mostra que em 1992 havia mais de 6 mil ONGs na América Latina, sendo a maioria surgida a partir de 1975. O Brasil contava com 400 ONGs em 1985 e saltou para 1.300 em 1991. (Princen, 1994;2).

Apenas a título de ilustração, as ONGs, como a *WWF* e *Greenpeace*, mantêm uma atuação forte no âmbito comunicacional, seja através, do anúncio televisivo ou do enfrentamento físico, produzindo imagens sedutoras para as grandes redes de comunicação. Podem ser questionados as propostas e métodos adotados por essas duas entidades, mas não a capacidade de trabalhar o imaginário social, assim como a importância para fortalecer o debate sobre o meio ambiente. No Brasil, o IDEC (Instituto de Defesa do Consumidor) também é uma ONG bem sucedida e que trabalha com a comunicação de uma forma efetiva. Apesar de não ser uma ONG ambiental, o IDEC mantém uma revista mensal, *Consumidor S/A*, em que dá uma cobertura extensa para os problemas ambientais, com reportagens alertando sobre os problemas da qualidade da água mineral, da falta de regulamentação para o lixo tóxico das baterias de telefone celular, das embalagens não-recicláveis, da soja transgênica, etc. O instituto caracteriza-se por três atuações importantes: 1) a jurídica, através de ações contra empresas e governo; 2) a de prestação de serviço ao associado que se sente lesado e 3) a comunicacional, através da publicação da revista. Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que os movimentos melhor estruturados são os que priorizam a atuação comunicacional/cultural.

BIBLIOGRAFIA

- CAHN, M. A. *Environmental deceptions - the tension between liberalism and environmental policymaking in the United States*. State University of New York Press. Albany, 1995.
- FINGER, M. *NGOs and transformation: beyond social movement theory* in: PRINCEN, T. and FINGER, M. *Environmental NGOs in world politics*. Routledge, London, 1994.
- HABERMAS, J. *New social movements*. Telos, núm. 49, 1981.
- MARX, K. E ENGELS, F. *História. Coleção grandes cientistas sociais* (Org. Florestan Fernandes). Ática, São Paulo, 1984.
- MORRISON, R. *Ecological democracy*. South end Press. Boston. 1995.
- OFFE, C. *New social movements: challenging the boundaries of institutional politics* in: *Social research*. vol. 52, núm. 4, 1985.
- PRINCEN, T. and FINGER, M. *Environmental NGOs in world politics*. Routledge, London, 1994.
- TOURAINÉ, A. *Crítica da modernidade*. Vozes, Petrópolis, 1994.

* * * * *